



Gaiato



Quinzenário • 18 de Abril de 1992 • Ano XLIX — N.º 1255 — Preço 20\$00 IVA incluído

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

PÁSCOA

«... Assim também tem de ser levantado o Filho do Homem, a fim de que todo o que n'Ele crer não pereça, mas tenha a Vida Eterna.»

Momentos antes de escrever esta mensagem, foi a hora da refeição da noite. À mesa estavam o Zé Filipe, o Milton, o Vitó, o Ricardo e o Serginho, cinco garotos chegados há pouco.

É tempo de Páscoa, agora. Tempo de Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. Três momentos inseparáveis do mesmo acontecimento. Não há Vida sem Paixão e sem Morte. É a Palavra Eterna. Que o digam os apaixonados, os seduzidos pelo Ressuscitado!

A Páscoa tem a ver com o dia-a-dia da vida dos crentes. Hão-de dar conta de que têm mais vida, à medida que se vão libertando das coisas e de tudo o que os amarra (paixão e morte) e suas vidas se tornam mais fecundas (vidas de ressuscitados).

E os não crentes? Quantas maravilhas a Ressurreição opera através deles sem o saberem! Quanto bem é semeado pela vida fora, com paixão e luta de morte contra o comodismo! Sem o saberem é o Ressuscitado que vai no seu caminho.

À luz da Páscoa, os rostos dos cinco garotos, que estavam comigo à mesa, falam da passagem da morte (túmulos onde viviam) para a vida nova que agora têm, graças ao Mistério Pascal celebrado diariamente noutras vidas.

Padre Manuel António



Eis a palavra viva e aliciante de Jesus, *seductor ille*, no encontro com Nicodemos: «É preciso que o Filho do Homem se levante na Cruz para que todos O possam ver e acreditar e salvar-se». - PAI AMÉRICO

SETÚBAL

Assumir a dor e o sofrimento dos irmãos

A entrega da casa ao Stremex trouxe-nos o gozo antecipado da alegria pascal. Com a Paixão, a Morte e Ressurreição de Jesus Cristo, Deus Pai quis fazer com os homens uma nova e permanente aliança.

Os passos dolorosos e gloriosos do Mestre foram a maneira mais adequada aos homens que Deus, nos seus desígnios imprescrutáveis, elaborou para nos manifestar sua *Imanente Justiça*.

Poderia ter sido doutro modo. Os teólogos, na investigação aturada das verdades da Fé, apontam mesmo outras possibilidades. No entanto, a escolha desta via para os filhos chegarem ao Pai, revelou-se no Senhor como exclusiva. «Ninguém ganha a Vida se não a perder.» Todas as outras hipóteses são inviáveis.

Nós temos, cá em Casa, um pequeno que é filho de uma demente e do irmão

dela. As circunstâncias de miséria material que presenciéi, quando no sítio fui observar a criança e o ambiente, casam-se bem com a tragédia da sua geração e os primeiros oito anos de vida. Este menino foi desprovido de tudo! Não sabemos como resistiu!

O coração de Deus sangrou porque as imparáveis leis da biologia, do abandono e indiferença humanos provocaram-lhe, na alma e no corpo, feridas irreparáveis.

Quando o contemplo — ele come comigo à mesa, há dois meses, para apanhar hábitos humanos — e fixo os meus nos seus estrábicos olhos, estremeço sempre com interrogação emergente, que ainda não se calou e continua a inquietar o fundo de mim mesmo: — Que fiz eu, meu Deus, para não ter nascido numa eventualidade destas?!...

Imediatamente me vêm à consciência os meus pais, os

meus irmãos, a minha aldeia, a minha casa e minha escola e um sem número de dons que, ao longo da infância, adolescência e juventude, me foram — desculpai a redundância — gratuitamente dados.

Ponho-me espontânea e instintivamente a bem dizer e a louvar o Criador.

Será que ao dar a minha vida e paternidade a este menino farei algo mais que um Acto de Justiça?!

«Dai de graça o que de graça recebestes» — diz a Palavra Eterna.

Assumir a dor e o sofrimento dos irmãos é vocação universal dos discípulos de Jesus.

Quem não o fizer pode ser tudo e fazer tudo; não é discípulo do Mestre, nem está no caminho que o Pai apontou como único para partilhar a Ressurreição.

Continua na página 4

Encontros EM LISBOA

A Páscoa e a Primavera

NESTA altura do ano, a Páscoa e a Primavera acontecem na nossa vida. É a fé e a natureza que se entrelaçam, embora com significados bem diferentes.

A Natureza, depois do Inverno, renasce em festa, vestida de cores e ao som de mil chilreios. Já me aconteceu, por várias vezes, que os miúdos partiram pequenas árvores. A explicação era simples: estavam sem folhas e pareciam secas. Ainda não se tinham acostumado a esta espécie de eterno retorno com que a Natureza nos presenteia. Habitámo-nos a dizer: Depois do Inverno vem a Primavera, o Verão chegará com os frutos maduros. Este ritmado e aparente nascer e morrer para voltar a nascer, dá, por vezes, ânimo às pessoas; no entanto, é só a vida da Natureza. Não é suficiente para o homem.

A Páscoa introduz-nos num caminhar direccionado e não repetitivo. É a Vida, a Paixão, a Morte e a Ressurreição. Dia após dia,

as diferentes facetas do caminhar na fé e na esperança misturam-se. Só a presença do Crucificado-Ressuscitado conseguem dar unidade e sentido.

Nestes últimos tempos, a vida não me tem poupado. Atira-me para a frente casos e casos de crianças em situação de crise e de abandono. Comecei a sentir um certo medo de sair para ir ver. A Casa não comporta mais gente. É uma dor profunda não poder dar a mão! Fui surpreendido pelo encerramento de um Lar para jovens, de uma organização da Igreja. Parece que já não é preciso. Entretanto, gasta-se tanto tempo, dinheiro e energias a fazer relatórios inúteis e deslocações estérteis! A criança continua na rua. Parece que não estamos a ser capazes de encontrar soluções para os problemas e fala-se tanto em realizações e em sucessos. Falta o investimento no Homem. Vou viver a Páscoa com esta dor, voltado para fora, sentindo a incapacidade para acolhermos e darmos a vida por aqueles que mais necessitam.

Continua na página 4

Conferência de Paço de Sousa

OS POBRES DA CEE — As formas de pobreza absoluta (e relativa) são agora mais graves...

Não falando já do *terceiro* ou *quarto* mundos, e centrando-nos em países ricos ou com pretensão a novos ricos (porque em vias de desenvolvimento), o *escândalo* foi sempre. Por isso, no *império* da CEE, achámos útil que vinte e dois jornalistas de vários países da Europa se tenham reunido, há meses, no Centro Jean Monet, do Luxemburgo, para analisarem os problemas da pobreza em zonas carenciadas da Comunidade. Objectivo do encontro: os monitores tentaram (sic) criar um ambiente de sensibilização aos homens da Imprensa para que possam melhor encarar, na sua actividade, a complexa situação dos Pobres em muitas regiões europeias. Acção valiosa!

Por cá, quando folheamos especialmente os órgãos da Imprensa Não-Diária, topamos alguns que, assiduamente, se debruçam, até com relevo, sobre as graves carências, ou casos pontuais, de Pobres da região — pela sua denúncia, recolha de fundos e solução da miséria imerecida. Anunciam, deste modo, explícita ou implícitamente, o Mandamento Novo, a Mensagem Pascal.

PARTILHA — «Sempre que leio O GAIATO — colhido da mão dum rapazinho muito simpático — sinto-me pequena...», afirma uma Isabel, de algures, com mil escudos para a nossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus.

Cheque, da Murtosa, «em cumprimento duma promessa e com o desejo duma santa Páscoa para todos» — Pobres, inclusivé. «Desejo anonimato» — friza a nossa Amiga. Cumprimos! É a procissão dos(as) Anónimos(as).

Outro cheque, da «Avó dos 5 netinhos», residente em Setúbal: «Minha pequena contribuição para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de preferência para uma viúva com filhos.

Pelas CASAS DO GAIATO

Mas vós sabeis como melhor aplicá-la. Envio todos os meses esta migalha com o meu carinho». Alma cristã!

Presença habitual do assinante 4385, de Vila Nova de Famalicão: «Contributo para acorrer às muitas necessidades».

Outra samaritana dos nossos Pobres, assinante 31104 — com a perseverança de sempre: «Junto o cheque do mês de Março. Como já tenho regularizados os meus vencimentos de acordo com a lei actual, cumprio o que havia prometido. Deus permita que este pequeno aumento possa remediar dificuldades e peço que rezem por mim, para alívio do meu sofrimento». O poder da Oração!

Retribuímos votos de santa Páscoa e, em nome dos Pobres, muito obrigado!

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — Os nossos rapazes andaram a semear batata na «terra nova». Foi um trabalho que custou um pouco, mas agora já está feito. Também já semearam milho para o gado, alface e cebolo. A chuva tem ajudado imenso! Rega as batatas, feijão, alface, etc.

VISITAS — Visitou-nos um grupo de amigos, de Tábua. Vieram ver a nossa Casa, o gado, os campos, os jardins, etc. Também jogaram à bola connosco. Começámos a ganhar o

jogo por 1-0 e, por fim, acabou com o resultado de 3-1. Ficámos contentes e esperamos mais visitantes.

GADO — Recebemos três patas, de Ceira. No dia seguinte foram abatidas, pois os leitões estão já muito crescidos. As vacas estão a produzir bom leite.

Frederico

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — A irmã Delmina é o elo de ligação entre nós e os Pobres.

Percorre todos os dias, faça chuva faça sol, aquela zona que todos conhecemos através das nossas crónicas. Ela, como ninguém, e com uma paciência infinita, descreve-nos as carências dos irmãos que visitamos.

Sem o trabalho feito por ela nunca conseguiríamos atingir o objectivo máximo, que é o de levar a mensagem de Cristo.

Desta vez, mais três famílias chegaram até nós; uma delas foi-me entregue. Deus do Céu, passa tantas necessidades! É um casal, ainda jovem, com três filhos. A mulher, um pouco atrasada; o marido, pouco amigo do trabalho. Dois meninos e uma menina lindos como sol. Habitam numa «casa» em ruínas, de tal maneira que a Câmara teve que mandar pôr à sua volta umas grades para que ninguém passe naquele passeio pois a ruína está iminente.

Conseguimos que os meninos fossem para o patronato da paróquia. Entram às oito da manhã e saem às seis da tarde.

Além de virem com a barriguinha cheia, fogem à rua. Ela disse-me que para a panelinha da sopa da noite conseguia o dinheiro lavando roupa para fora. Julgo que não deve ter capacidade para mais.

Vamos ajudá-los no que for possível.

Donativos que nos chegaram: Armandina, 10.000\$00. Etelvina, 5.000\$00. Anónimo, 30.000\$00. Mais um anónimo com 1.000\$00. Outro cheque, de Armandina, 20.000\$00. Assinante 22628, 5.000\$00. Holanda, 7.000\$00, de Amiga sempre pontual. A todos muito obrigada.

Endereço: Conferência de S. Francisco de Assis, Lar do Gaiato, Rua D. João IV n.º 682, 4000 PORTO.

Uma vicentina

PAÇO DE SOUSA

CHUVA — Até que enfim! O provérbio «Abril, águas mil» não enganou. Se continuar a chover, pelo menos até ao fim deste mês, os agricultores terão dela que chegue para remediar, no Verão, a seca.

Aqui, na Casa do Gaiato, já sentimos mais abundância de água. Os nossos campos estão mais verdes e mais animados os agricultores. Que bom!

TOJAL

FESTAS — São organizadas pelos nossos rapazes. Os intérpretes de figuras femininas precisam de maquilagem para lhes dar um ar feminino. Pedimos pinturas para a cara e olhos. Não precisam ser novas, mas as que estejam a acabar ou já não usem, para nós serem muito bem. Outra coisa: precisamos de sapatos ou sapatilhas de ténis, de senhora, em cor, de preferência grandes. Todos têm o pé grande. Por último, um lenço de miñota, cor verde, nem que seja emprestado, também daria muito jeito.

CHUVA — Bendita chuva que veio cair na hora certa! Poderia ter vindo mais cedo... Mas pensávamos que, este ano, não viria e ficaríamos sem pasto para as nossas vacas e sem boa colheita das sementeiras. Mas não. Ela aí está e já se vê a cor verde com mais alegria. Assim seja.

PORCOS — Uma porca teve seis leitões e já era tempo, pois há muito que não acontecia nada por aqueles lados!

VISITAS — Recebemos um grupo de jovens que esteve num retiro, em Linhó, com três rapazes nossos. Vieram confirmar aquilo que os gaiatos lhes contaram. Almoçaram e divertiram-se todos.

FUTEBOL — Voltámos a defrontar a mesma equipa. A nossa, mais organizada. Tudo correu bem. Mais uma vitória bem merecida e vantajada!

Luís Miguel Fontes

CARAS NOVAS — Chegaram mais quatro rapazes e, como sempre, bem recebidos pela malta da Casa. Um deles é o Milton, de Vila do Conde. Outro, o Vitó, de Paços de Ferreira; e ainda dois irmãos de Cabo Verde: o Serginho e o Ricardo. Esperamos que se sintam bem connosco e encontrem na Casa do Gaiato um verdadeiro lar.

FUTEBOL — Defrontámos uma equipa dos arredores de Valongo. Jogo bem disputado. O árbitro esteve bem e com trabalho facilitado porque os jogadores contribuíram para tal. Resultado final: 4-2 a nosso favor, é claro.

PÁSCOIA — Os distribuidores d'O GAIATO antecipam o seu trabalho, uma semana, no Porto, Coimbra, Lisboa e Setúbal.

Votos de boa Páscoa. Aleluia! Aleluia!
Paulo Alexandre («Rambo»)

Associações de Antigos Gaiatos

Em busca dum caminho comum

A OS nossos amigos, aos nossos associados e aos nossos irmãos ainda não associados, vimos, hoje, dar parte das diligências em curso.

Estou a referir-me, concretamente, à reunião de Direcções ocorrida aqui, em Miranda do Corvo, em 15 de Março, e em que estiveram representadas as Associações do Norte, de Setúbal e do Centro, a quem coube, desta vez, a iniciativa.

Desde a criação das Associações de Antigos Gaiatos que uma ideia, ainda não concretizada, se ventila: a natural tendência de todas se fundirem numa única Associação.

Foi para, entre si, debaterem toda a problemática relativa a esta ideia inicial, que se encontraram na busca dum caminho comum, enquanto se aguarda que os Antigos Gaiatos de Lisboa-Tojal, bem como os de África, de passado mais recente, se organizem devidamente.

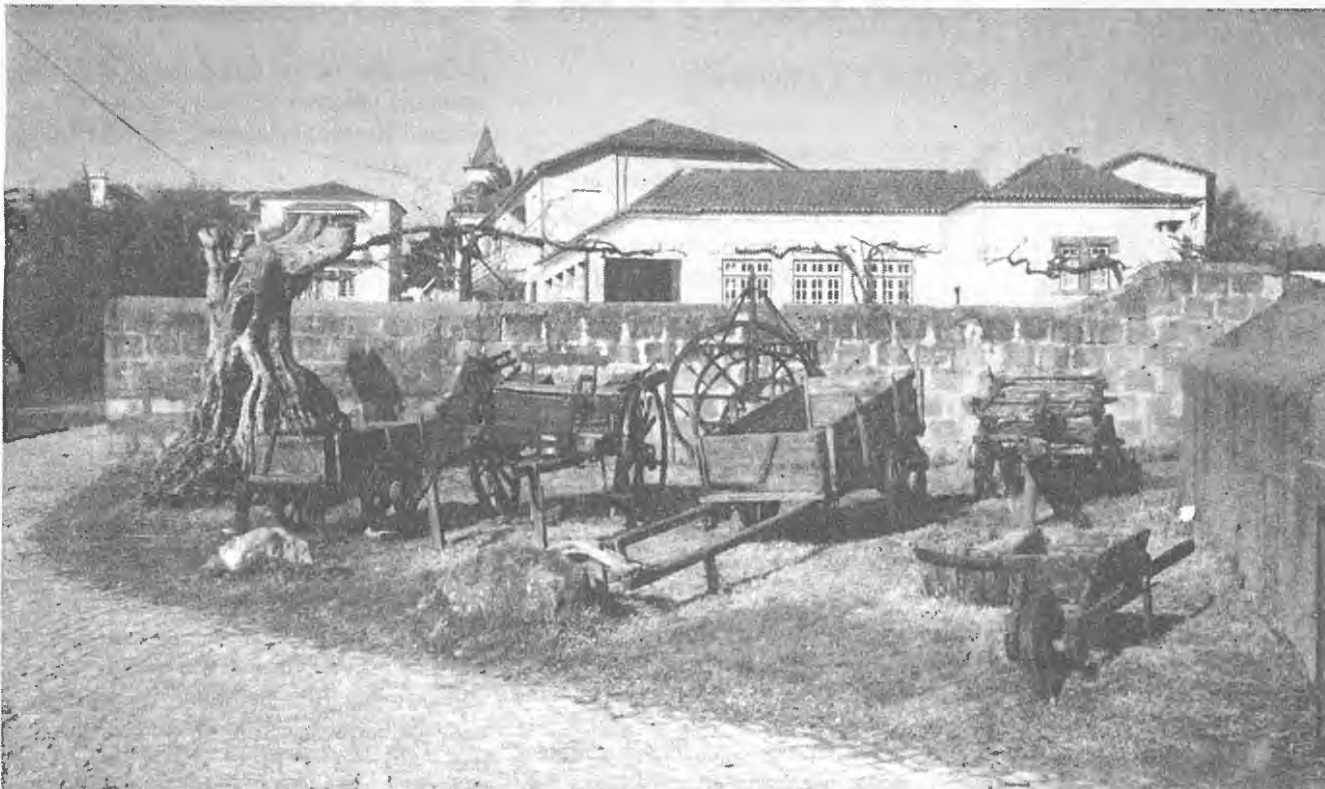
Voltando ao fulcro da questão e tomando como modelo o que acontece com a Obra da Rua, lembramos que esta, ainda que constituída por várias Casas do Gaiato, se rege por um único Estatuto, pelo qual se mantém o princípio da *unicidade*, sem que a autosuficiência e a autonomia administrativa daquelas sejam, com isso, prejudicadas.

É este caminho comum que se procura encontrar pelo consenso, por nos parecer o mais conveniente em termos de força, de solidariedade e de filosofia testemunhal.

Foi gratificante, no decurso dos trabalhos que irão prosseguir, constatar e registar como primeira conclusão que a *unidade* entre as várias Associações, apesar de se moverem em realidades diferentes, nos seus grandes objectivos, bem como a *fidelidade* aos princípios cristãos que herdámos de Pai Américo, continuam bem vivos no espírito de todos os participantes e, daí, também existir uma estreita comunhão com a Obra da Rua, concretamente na pessoa dos respectivos Padres, sem a qual, aliás, as Associações não terão razão de ser.

Esperemos que, futuramente, possamos dar passos mais firmes e tomar decisões mais significativas. Contamos com o sopro do Espírito Divino e a intercessão de Pai Américo.

Carlos Manuel Trindade



Miranda do Corvo: Parque dos transportes antigos tendo ao fundo as Escolas.

Moçambique



O tractor lançando a semente de milho e os rapazes sorrindo com esperança. Afinal deus em nada!

O ser da Obra da Rua nasceu no seio da Igreja. Quando Pai Américo foi ao Bispo de Coimbra e, perante as queixas que este lhe transmitia, lhe pediu: «Deixe-me ir para os Pobres...», exprimiu um desejo premente do seu coração de Pai: estar com os Pobres. A Obra da Rua continua essa sua paixão, tão expressa nas Casas do Gaiato, como em todas as outras actividades. Os Pobres são a sua parte. Para nós Padres e continuadores é a melhor parte. E não pode ser outra senão a expressão mais bela da Igreja: estar com os Pobres. Aquele Bispo que, instado a apresentar ao Imperador a sua riqueza, lhe traz todos os Pobres de Roma, já nos primeiros séculos da Igreja, afirmava isto mesmo.

Por isso, o nosso Bispo, o Cardeal, esteve toda a manhã conosco. A comunidade

crístã esteve toda presente no seu coração de pastor. E no fim da Missa quis ouvir a todos. Um disse-lhe que «já havia aqui cartorze capelas de seitas religiosas. A Igreja Católica foi a última a chegar, não tem capela, mas está a crescer todo o dia». Que assim seja no coração de todos. Também desejamos ardentemente que todos cresçam, que se cure radicalmente a doença da miséria, fonte de todas as outras doenças espirituais e físicas que escravizam este povo. Que haja paz!

Depois foi visitar a Massaca II. Uma capela em construção. Viu a Escola que, embora pobre, está equipada com carteiras e mesa para o professor. Dali foi à zona dos refugiados. Há dois dias chegaram, de Ressano Garcia, cinco camiões cheios. Todos, homens novos e jovens, apanhados no meio dos cami-

nhos; outros, recambiados pela África do Sul por não terem documentação. Estão a construir dois pavilhões, um para dormitório, muito amplo, e outro parece ser para atendimento médico e encaminhamento às suas terras de origem. Da Beira a Maputo havia gente de meio Moçambique. Mais de trezentos homens e entre eles algumas crianças. Tentaram fugir à fome que vitima este país e tiveram um desfecho triste: continuar a suportar a

fome. Gostei de ver o Bispo no meio deles, falando na língua deles, partilhando os seus sofrimentos. Esta é a Igreja dos Pobres. Não tem edifícios, mas tem alma; não tem vestes litúrgicas, nem cerimónias, mas tem vida. Não tem monotonia, nem enfado, mas sofrimento; nem festas nem imagens, nem romarias, mas santos de carne viva, a caminhar nos trilhos agrestes desta terra regada de sangue.

Sei que o Senhor defende os infelizes e faz justiça aos Pobres! — S. 139.

Que aqueles que vão articular a Paz para Moçambique tenham isso em atenção.

Padre José Maria

Novos Assinantes

Leitores ocasionais

Muitos Leitores ocasionais — tão motivados! — inscrevem-se por sua mão como assinantes do «Famoso». Porto: «Tendo adquirido um número d'O GAIATO, li-o de fio a pavio e fiquei com pena de andar a perder coisa tão boa, quizenalmente. Por isso, queiram-me considerar assinante».

Carvalhos: «Há dias, quando almoçava calmamente, vi um dos vossos 'filhos' distribuir o jornal pelas mesas do local onde me encontrava. Para além de ter ficado com um exemplar, nesse dia pensei: — Porque não fazer uma assinatura?!»

Uma luz que não se apaga!

S. João da Madeira: «Agradeço o envio do vosso pequeno-grande jornal (papel de pouca qualidade, mas com palavras muito verdadeiras). O que resta, é oferta simbólica. Que Deus vos dê a força do Seu braço, especial-

mente nas horas mais desalentadas e vazias de interesse da nossa sociedade, muitas vezes alheia e acomodada, adiando a resposta na prática da vida cristã».

O pequenino mensageiro continua a ser difundido entre familiares dos nossos Amigos. Porto: «Logo que a minha netinha nasceu, mandei o nome dela — mas não o endereço...!» Na verdade, o «Famoso» é luz que não se apaga em muitas famílias — até pela lei da vida: «Venho pedir que mudem o endereço do assinante 6351, pois vou substituir o meu pai — que faleceu».

Agora, vem lá uma coluna de novos Leitores, de Beja, pela mão do nosso Padre Acílio. Outra, de Santa Cristina do Couto — pela assinante 18595. Mais outra, encaminhada pela assinante 24771, de Lisboa. O trabalho e devoção de tudo isto!

Numa panorâmica mais alargada, tantos devotos procuram que O GAIATO vá para todo o lado inquietar muita gente que, normalmente, desconhece o ser e o agir da Obra da Rua! Covilhã: «Acabo de o ler. Como sempre, fiquei edificada. Acordamos. Sacode o nosso egoísmo. Forma-nos e informa-nos do que é essencial. Oxalá todos lessem o querido 'Famoso'. Penso que tudo mudaria para melhor. Hoje, venho inscrever um novo leitor...»

Um mundo de vida que transmite Vida

Assinante 30372: «Venho só indicar duas pessoas (...). Escolho gente que leia e divulgue O GAIATO, pois concordo totalmente com esse espírito do jornal. Oportunamente, espero indicar mais alguns».

Assinante 17007: «Queria dizer muitas coisas, mas não sei, não me saem as pala-

DOCTRINA



A caridade do letreiro e do cartaz...

• Um dos garotos da Casa do Gaiato, adorável como todos eles são, declarou, há dias, que desejava ir dali para o Céu, onde não há, disse, fome nem frio, males estes do seu conhecimento, aos quais muito deseja furtar-se. Esta criança de sete anos de idade, sem dar fé disso, afirma um dogma da Igreja e declara um direito individual e imprescritível, qual é o de viver na terra sem fome nem frio. Esta intuição das coisas altas e equilibradas vem, naturalmente, da vida feliz que o rapaz ali goza, bem que não quer perder, mas sim trocar por outro melhor.

• Não te admires do discernimento; as obras feitas no mundo por amor de Deus deram sempre, a seu tempo, seus frutos que promanam directa e naturalmente desse Amor como a água da fonte. Este Amor, que também se chama Caridade e que supera todo o sentir e todo o saber dos homens, encontra-se em gema, na sua forma natural, dentro do Coração de Jesus que o trouxe ao mundo e revelou ser Ele a Vida de Deus, da qual Vida nós, se assim quisermos, podemos ser participantes. Porém, abundante e eficaz como é em si e por si mesmo, não quer o mundo usá-lo nem aplicá-lo directamente da Fonte, mas sim em fórmulas arranjadas e ministradas pelo capricho de cada um, com outro nome, outros fins, outros efeitos. Pega-se na candeia para ver o sol!

• A Caridade é palavra-acção. Se tu quiseres meditar um nada, agora que passa a dança dos beligerantes na conquista do mundo (II Guerra Mundial), recua alguns séculos e segue de perto, com teu pensamento, a estrada mai-la força invencível do único conquistador da Europa, o Apóstolo das Gentes. Passou ele por onde antes e depois passaram generais e forças como o mundo nunca viu, em ar de conquista — só ele conquistou. Como? «Eu quero ser anátema por causa dos meus Irmãos.» Entrou assim as portas de Roma, centro e capital do Mundo, e venceu o Mundo. Toda a beleza moral da civilização cristã é fruto da sua conquista. Deu-se. A quem? «Nem a morte, nem a vida, nem a força, nem as coisas presentes, nem criatura alguma do mundo, nada nos pode separar do amor de Deus», responde o Apóstolo. Aquele se junto a este nada — eis a Caridade sem retortas nem almofariz, em que o mundo e os cartazes pretendem manipular suas muitas e variadas fórmulas de caridade.

O. Amín. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 2º vol.)

Cantinho das Senhoras

TUDO passa, só Deus permanece. Diante das dificuldades basta-nos a fé. O silêncio de Deus, que às vezes incomoda, faz-nos criar força a aproveitar para amá-lo cada dia mais, na pessoa do abandonado.

A cada criança que chega a nossa Casa, ouvimos quase a mesma história: «Pai morreu, mãe morreu, família não sei». O motivo, claro, todos já sabem. Falta de amor no coração dos homens.

A nossa casa é muito simples, mas com o necessário. Agora ainda sem água e luz por falta de peça para o gerador. Para as crianças é o lugar dos seus sonhos. Querem ficar à vontade desde as primeiras horas do dia.

Muitas visitas temos recebido. A notícia começa a espalhar-se e os amigos querem conhecer a nova casa. Quando chegam ficam assustados, e perguntam como viver assim no meio do povo? A resposta vem logo: — Somos felizes por estarmos um bocadinho mais perto da realidade deles.

Um dia, incomodada com as baratas, perguntei a uma senhora que mora à nossa beira: — Na sua casa há muitas baratas? Ela respondeu: — Todos os dias mato uma cobra.

Duas novas micro-empresas começam neste mês: fábrica de tampas para latrinas e fábrica de sabão. Agora são dez grupos de três sócios cada uma. O esforço por querer que as pessoas da Aldeia Massaca 1 se sintam capazes de fazer alguma coisa, tem sido grande. E com bons resultados. O povo começa a acreditar em suas próprias capacidades e levam o trabalho muito a sério. Há grupos que até começam às cinco horas para produzir mais. Sapatos, cadeiras, mesas, portas, janelas, fornos para lenha, tampas de latrinas, baldes, painéis, blocos de cimento, trabalhos de artesanato, costuras, enfim o povo começa a ter mais vida. Através de gestos concretos tentamos mostrar o quanto Deus os ama.

Quitéria Torres

vas! No entanto, a minha alma e o meu coração estão sempre a agradecer o muito que O GAIATO faz a todos em geral e a mim em particular. Assim, gostava de poder enviar uma ajuda muito grande. Também não sou capaz! Por isso, mando este cheque para a assinatura do jornal que, para mim, é sempre como uma 'pedrada no charco'. Talvez um dia — quem sabe? — o abanão me faça acordar de vez. Vão também alguns nomes e moradas para onde desejo que mandem O GAIATO (...).

Espinho: «Sou assinante e trabalho numa firma dos arredores do Porto. Quando recebo o jornal costume trazê-lo para a empresa —

onde é lido por todos. Peça inscrevam também o meu patrão como assinante».

Porto: «(...) Quereria dar um pouco de mim, mas eu não tenho vocação ou sou egoísta. O GAIATO abala-me muito e, normalmente... fico-me por aqui...! Já agora, desejo que aceitem uma nova assinante (...).

Fica tanto por revelar! Esta procissão é um mundo de vida que transmite Vida!

Júlio Mendes

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.



AUTOCONSTRUÇÃO

Os sinais são precisos para que a gente acredite e não venha a cruzar os braços.

As palavras não chegam, de tão cheio anda o mundo de as ouvir sem ver o significado delas. Daí o descrédito mesmo de quem fala muito bem mas não faz.

Se não houver Paixão e Morte na vida, também não há Páscoa; e os caídos ficam prostrados, sem esperança. Os apaixonados pela Cruz

são sinais eficazes de Redenção.

Chegou ontem a carta dum sacerdote que decidiu amar a Cruz mais pesada dos paroquianos, nesta hora de Páscoa. Num barraco, sem luz e sem água, vivem os pais e cinco filhas. Querem acabar a casa nova que se aventuraram a construir.

«Lanço a V. um S.O.S., à semelhança dos naufrá-

gos. Seria muito longa esta carta se estivesse a pormenorizar o que esta família tem passado. Se puder acudir-nos é como um grande alívio que vem do céu.»

Aqui está um testemunho de como a Igreja mostra o que é em cada comunidade, não só pela pregação mas também pelo anúncio da Boa Nova «com sinais e prodígios».

Padre Manuel António

Cantinho dos Rapazes

O Livro da Sabedoria não pertence ao conjunto dos livros proféticos da Sagrada Escritura, mas tem páginas de profecia como é o trecho do seu segundo capítulo que se lê na 6.^a feira da 4.^a semana da Quaresma.

Fala-nos este texto do justo e das ciladas que os ímpios lhe armam e das razões por que o fazem. É que «o justo incomoda-nos — dizem eles entre si: opõe-se às nossas obras, censura-nos as faltas contra a lei, tornou-se diante de nós o acusador das nossas ideias e até a sua vista nos é penosa».

E depois, ainda pela boca dos ímpios, é apresentado o retrato do justo: «Afirma que tem conhecimento de Deus e a si mesmo se chama filho do Senhor. A sua vida é diferente da vida dos outros e os seus caminhos muito diversos. Considera feliz o fim dos justos e tem a presunção de que Deus é seu pai».

Daí, o projecto dos ímpios: «Experimentemo-lo com ultrajes e torturas para conhecermos a sua mansidão e apreciarmos a sua paciência. Condenemo-lo à morte infamante pois ele diz que será socorrido. E veremos se as suas palavras são verdadeiras, (...) se Deus estará a seu lado e o livrará das mãos dos seus adversários».

É claro que, em primeiro plano, a profecia refere-se a Jesus e a quanto Lhe fizeram os seus adversários. Ao celebrarmos, justamente nestes dias, a Sua Paixão e Morte, vamos testemunhar o cumprimento histórico desta profecia, vamo-nos deparar, uma vez mais, com esta lógica dos que «ignoram os segredos de Deus e não esperam que a santidade seja premiada nem julgam que haja recompensa para as almas puras». A Ressurreição de Cristo, na verdade, não pertence à

previsão dos homens. E o fruto dela para os homens passa pela sua aceitação de «morrer com Cristo para ressuscitar com Cristo» e permanecer com Ele eternamente.

A profecia, porém, continua em cumprimento até ao fim do Tempo. Porque o discípulo de Jesus só o é em verdade se se dispuser a participar na Paixão do Mestre, completando em si o que Ele quis que faltasse à Sua, todo o homem que se quer justo tem de assumir a sua própria paixão e não será dispensado das provas a que o há-de submeter a lógica da impiedade: «Verifiquemos como vai sair-se com as suas atitudes».

Quero dizer que, em todos os tempos e em todas as sociedades de homens, o justo tem de sofrer o ser «incómodo», tal a sua opção o constitui para a multidão dos que não optam por coisa nenhuma. Estes, possuídos pela dinâmica da facilidade, vão ao sabor da corrente e chocam com os que remam contra.

As nossas comunidades não fazem excepção. À frente Pai Américo, ele também servo *sofredor* pelo «incómodo» em que o tornou a aceitação de «uma vida diferente», de «caminhos diversos» dos da vulgaridade, a que foi chamado. O mesmo tem acontecido (e acontecerá!) àqueles de vós, Rapazes, que não rejeitaram os desafios de Deus soando nas suas consciências. Não bastam as lutas íntimas, a vitória a perseguir sobre as próprias fraquezas — que ninguém nasce justo e a esse ser não se clega escorregando, mas subindo a pulso. Há que contar também com outras lutas ao redor de vós, impostas pelos que têm consciência muda ou fazem ouvidos surdos à voz da sua consciência — porque lhes sereis incómodos.

Padre Carlos

Tribuna de Coimbra

Mensagem Pascal

«Envio as minhas saudações cristãs e os meus votos sinceros de uma Feliz e Santa Páscoa para todos, na Paz e Alegria em vossos corações, para festejar Jesus Ressuscitado.»

Com esta mensagem de Boas Festas Pascuais vinham duas notas de banco da Suíça, presença de Amigo que muitas vezes aparece.

As mesmas saudações cristãs e votos de Santa Páscoa são também a nossa mensagem para todos, especialmente

para os nossos Leitores.

A Páscoa é a Festa de Jesus Ressuscitado. O nosso Jesus é um Jesus vivo. Queremos vê-Lo presente em todos os homens, sobretudo nos mais pobres. Acreditamos que Ele está presente em todos e nos vai apontando os seus sofrimentos e as suas chagas.

Pai Américo viu-O assim e reconheceu-O. Apaixonou-se por Ele até ao fim. A sua última viagem na terra, de Marinha Grande a S. Martinho do Porto, depois até Coimbra e, por fim, até Valongo, foi à procura de soluções para os Cristos pobres que são Cristo Sofredor.

Sensibilizou-me aquela senhora que me chamou a um canto da sala e ali mesmo assinou um cheque que depôs nas minhas mãos: — *É para as amêndoas da Páscoa dos meninos.*

Jesus Cristo Ressuscitado é o grande Sinal de Paz. As suas saudações aos homens: *A Paz esteja convosco. Dou-vos a minha Paz, deixo-vos a minha Paz.*

Entristeceu-me muito a notícia daquele *leader* que manda matar os que têm critérios diferentes dos seus. Isto não parece de pessoas que se dizem civilizadas, do nosso tempo. Isto não é sinal de procurar a paz verdadeira,

pois destrói a liberdade de cada um.

Alegrou-me tanto a novidade de que o nosso Padre João Batista tinha sido libertado no norte de Moçambique! Padre João que, há um ano, se despediu com tanta alegria por ir ajudar aquele povo escravizado pela guerra e pela fome e pelo abandono. Foi raptado e só agora libertado. Os seus companheiros morreram. Heróis do nosso tempo! Vamos todos procurar e ajudar Jesus Cristo Ressuscitado a celebrar a Páscoa com todos os homens de quem Se fez Irmão. Que para todos seja festa de Paz e Alegria.

Padre Horácio

ENCONTROS

Continuação da página 1

EM LISBOA

Festas

Desde há já muito tempo que, em nossa Casa, quer à noite quer ao fim-de-semana, se ouve o chefe, depois da refeição, anunciar:—Ensaio para o rep, África, sinais de trânsito, etc. As Festas invadiram a nossa vida! Pode nem tudo sair bem, mas a música, a dança e a poesia andaram no espírito e no coração dos nossos rapazes que querem presentear quem os for ver.

Dada a escassez de tempo disponível, este ano vamos visitar as seguintes localidades:

BOMBARRAL — Dia 26 de Abril, domingo, 15,30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários.

FANHÕES — Dia 1 de Maio, sexta-feira, 21,15 h,

Salão dos Bombeiros Voluntários.

TORRES VEDRAS — Dia 3 Maio, domingo, 15,30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários.

LISBOA — Dia 10 de Maio, domingo, 15,30 h, Salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus — Rua Camilo Castelo Branco, junto ao Marquês.

LOURES — Dia 16 de Maio, sábado, 15,30 h, Cine-Teatro de Loures.

MOSCAVIDE — Dia 23 de Maio, sábado, 21,15 h, Salão Paroquial

Serão também em Benedita e Amadora.

Os rapazes esperam a presença dos Amigos!

Padre Manuel Cristóvão

SETÚBAL

Continuação da página 1

Um acto de justiça

Quando afirmamos que dar uma casa ao Stromex não fazemos mais que um acto de Justiça, não falamos da justiça dos homens, que é sempre injusta, nem do ministério da justiça que quase não existe; falamos, sim, da *Justiça Divina*.

Não estamos a fazer poesia, nem mística, nem a armar em retóricos de qualquer pensamento novo, mas afirmar uma convicção evangélica que devorou o Coração de Cristo e o fez levar a Cruz e suportar a Morte.

Quando, amanhã, o Carlos for homem e não tiver capacidade para adquirir uma casa, ou construí-la, e a Sociedade o atirar para uma barraca ou bairro de segregação julgando fazer justiça, o coração de Deus voltará a sangrar se tu, que tudo recebeste, não vieres com todos os meios disponíveis socorrê-Lo.

Se visses hoje a alegria do Stromex e sua companhia?!... O ar com que se apresenta na rua e no trabalho!... A dignidade que inspira a quem se cruza com eles!... Se visses o que os nossos olhos vêem e os nossos ouvidos escutam!..., entenderias bem que só fizemos um acto de Justiça e saborearias, como nós, as vivas aleluias da Ressurreição.

Padre Acílio

CARTA

«Sinto-me inteiramente feliz em colaborar com essa maravilhosa Obra.

Fiz-me assinante d'O GAIATO há cerca de um ano através de uma grande amiga que tem um irmão que desempenha funções, aí, na Casa do Gaiato. Não posso mandar mais devido a ter apenas treze anos... Assinante 12987»



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239